

NEM INIMIGA, NEM ALIADA: PERCEPÇÕES SOBRE A MÍDIA NA PRÁTICA DOCENTE

TOSTA, Sandra de Fatima Pereira – PUC-MG

SANTOS, Ivna Sá dos – PUC-MG – ivna@ivnasa.com.br

GT-16: Educação e Comunicação

INTRODUÇÃO

Este artigo se insere no debate sobre a interface entre Educação e Comunicação, um novo campo de estudos, já denominado por alguns pesquisadores de *Educomunicação*, o qual, por sua vez, problematiza a função da mídia na conformação da sociedade contemporânea. E tem como pressuposto que, educar para a mídia, passa pela formação dos professores, já que são eles juntamente com a família, ou pelo menos deveriam ser, os principais mediadores entre o que os meios veiculam e o que os alunos apreendem. Por isso, este trabalho, além de investigar as percepções que alunas de Pedagogia/professoras têm da mídia, buscou também entender o processo de formação dessas alunas no que se refere a da mídia em sua prática docente. Participaram dessa pesquisa alunas de Pedagogia de uma universidade particular, que atenderam aos seguintes requisitos: 1) ter pelo menos um ano de experiência como professor de qualquer série ou ciclo da Educação Básica 2) estar cursando o 5º, 6º ou 7º período do curso. Critérios estes que foram definidos considerando que: a partir do 5º período, o aluno já teria concluído a metade do curso. É também nesta fase do curso, que ele inicia os estudos das disciplinas “Informática Aplicada à Educação” (5º período); e “Novas Tecnologias em Educação” (7º período), no caso específico da graduação analisada.

A metodologia utilizada foi a do estudo de caso, tendo como instrumentos para a coleta de dados: 1) pesquisa documental dos currículos e outros documentos do referido curso de 1963 a 2004, bem como o projeto pedagógico, incluindo as disciplinas do currículo em vigor, com ementas e programas de ensino. 2) entrevista face a face semi-estruturada com a Coordenadora do Curso para compreensão mais aprofundada da estrutura curricular e dos fundamentos que norteiam a formação do pedagogo; 3) aplicação de questionário semi-estruturado, com o qual buscamos levantar dados sócio-econômicos e culturais das alunas, incluindo relação e a percepção sobre a mídia; 4) grupo de discussão, no qual buscamos observar as reações das pesquisadas, suas respostas mediante as questões apresentadas e verificar até que ponto as mediações,

como foi tratado na construção teórica do trabalho, altera a percepção do conteúdo midiático.

1 – A interface Comunicação e Educação

As interfaces se caracterizam normalmente como uma proposta interdisciplinar, na qual os campos de origem trazem suas especificidades para um objeto de interesse comum. É neste espaço de fronteira que surge um terceiro campo de estudos o que, neste trabalho, nomeio de “inter-relação comunicação e educação”. Na perspectiva comunicacional, são nos estudos latino americanos que encontraremos subsídios para redefinir um novo papel ao receptor dos produtos midiáticos. Assim como ocorreu com a *Communication Research* nos Estados Unidos, cuja motivação foi o impacto social dos MCM, e com a produção da Escola de Frankfurt, na Alemanha, que teve o nazismo como fenômeno inspirador dos estudos sobre a Indústria Cultural, na América Latina as marcas de dependência estrutural, de resistência e luta tornaram-se o pano de fundo para compreender o que acontecia com a comunicação, demarcando as fronteiras do emergente campo de estudo que surge nos anos 60 e 70.

Nessa perspectiva, uma referência é Martín-Barbero com sua reformulação teórico-metodológica sobre a comunicação que marcou estudos latino-americanos e até mundiais, porque o autor entendeu que a transdisciplinaridade nos estudos da comunicação não significava a dissolução de seus objetos nos objetos das ciências sociais, mas a construção das articulações – mediações e intertextualidades – que marcam sua especificidade. O caminho, então, que vai se afirmando entre outros pesquisadores é: a comunicação deve ser tratada no campo da cultura que propicia múltiplas mediações na recepção das mensagens. Estas três palavras (cultura, mediações e recepção) darão a identidade da pesquisa em comunicação nos anos 90. Há uma formulação de Barbero que ilustra bem como a nova tendência rompe com as idéias das teorias fundantes. “A comunicação é questão de culturas e não só de ideologias; a comunicação é questão de sujeitos, atores e não só de aparatos e estruturas; a comunicação é questão de produção e não só de reprodução”. (1995, *apud* SOUSA 2003, p.30). Ou seja, o autor propõe que a comunicação deva ser analisada segundo as mediações que a envolvem, o que implica diversas questões. De um lado, a recusa à análise da comunicação sob a ótica do emissor, buscando novas formas de relação que resgatem o seu lugar como ator social. Por outro, um olhar mais ampliado sobre

estruturas e sistemas que sustentam a vida social, não se restringindo ao sistema socioeconômico e ideológico. Ou seja, “resgata-se a autonomia da cultura, vista não mais como serva da ideologia, mas como campo em que sua autonomia pode se revelar na sua capacidade criativa, ressignificadora e determinante da vida cotidiana” (SOUSA, 2003, p.31).

Com isso, toda a problemática que envolve a figura do receptor passa a ser repensada. Para Barbero (1980, *apud* BERGER 2001), existe a cumplicidade dos receptores na dominação, mas também nas formas de resistência, ainda que em alguns momentos ocorra a relatividade da resistência. Incorporando os aportes da *Escola de Birmingham* na Inglaterra, aonde se desenvolveram importantes estudos sobre os *Cultural Studies*, essa “tendência” ingressou na América Latina, onde já se desenvolviam pesquisas de resgate da cultura popular e uma crítica à divisão elitista entre alta e baixa cultura. Barbero e Canclini, outro pesquisador do campo, incorporaram aportes de Raymond Williams e Stuart Hall, fundadores da referida Escola, para traçar um debate sobre a *hibridação das culturas* e romper com as classificações dicotômicas entre alta cultura, cultura popular e cultura de massa. Vale ressaltar, ainda, que o campo das mediações sociais ultrapassa o dos meios e veículos, pois, o que está em jogo são os sentidos sociais que são negociados mediante as mensagens dos meios. Decreta-se, assim, o fim ou pelo menos se problematiza de modo consistente, o que parece não ter existido além das proposições acadêmicas assimiladas pelo senso comum: o telespectador é um sujeito passivo que nada pode fazer diante do poder diabólico dos MCM, já que suas mensagens teriam o mesmo efeito em todos os públicos. Esse discurso é substituído pelo que admite serem as audiências plurais e que consideram a recepção como o lugar onde ocorre a negociação e a produção de sentidos, a partir do contexto cultural.

É certo que a pesquisa sobre as mediações precisa avançar, mostrando de forma mais precisa como se processa o relacionamento receptor/indústria cultural/bem simbólico, ressaltando inclusive quais as mediações são preponderantes na definição do comportamento dos vários grupos de consumidores, o que é feito com as mensagens da mídia e qual é a participação dela na composição dos hábitos e atitudes do cidadão. Este “novo olhar sobre a mídia” é, sem dúvida também, uma oportunidade para a escola, na medida em que pode possibilitar que ela se organize como instância mediadora não só do processo de ensino oficial, presente no currículo, mas, inclusive do que é veiculado

pela mídia e dos modos de apreensão pelo aluno. É justamente nesse interregno que se encontra o caminho para entender qual é o papel da escola nesta sociedade configurada cada vez mais pela presença dos meios de comunicação de massa e pela tecnologia digital.

Já na perspectiva educacional, podemos dizer que, dentre autores que abriram caminhos para a construção dessa “inter-relação comunicação e educação” dois se destacam. Celestín Freinet (1896-1966) e Paulo Freire (1925-1997). O primeiro defendeu o uso da comunicação, especialmente do jornal, como forma de expressão de crianças e adolescentes e o segundo apontou para o caráter essencialmente dialógico dos processos comunicacionais. Freinet sonhava com uma escola de formar cidadãos autônomos e cooperativos e, para isso, propunha o processo de produção de jornais em sala de aula como instrumento de aprendizagem e troca de experiências. Já Paulo Freire (1971) argumenta que a lógica transmissional presente na Educação transforma as pessoas em “coisas” e nega sua existência enquanto seres que transformam o mundo, diferente do que ocorre na comunicação em que as pessoas criam conhecimento juntas e interagem embasadas na idéia de diálogo.

2 – O papel da escola e do professor no contexto da Comunicação Mediática

Definir o papel da escola na sociedade contemporânea não é uma tarefa fácil, contudo, pode-se dizer que a função da escola permanece sendo a de possibilitar ao indivíduo a apropriação e a assimilação das habilidades úteis e ou necessárias à vida em sociedade de modo que esse possa construir o seu conhecimento. Mas, a escola tem dado conta de exercer o seu papel? Para tentar responder à questão, partimos do princípio de que outras instâncias de socialização - tais como família, igreja, grupos específicos dos quais o indivíduo faz parte e os meios de comunicação em geral - dividem com a escola essa função. Entretanto vamos nos ater à instância midiática por ser este o foco do trabalho e por entender, como Thompson (2001), que a compreensão das sociedades modernas se define cada vez mais pela mídia.

Desde as mais antigas formas de comunicação gestual e de uso da linguagem até os mais recentes desenvolvimentos na tecnologia computacional, a produção, o armazenamento e a circulação de informação e conteúdo simbólico têm sido aspectos centrais da vida social. Todavia, com o desenvolvimento de uma variedade de instituições de comunicação a partir do século XV até os dias atuais, esses processos de

armazenamento e circulação têm passado por significativas transformações que foram alcançadas por uma série de desenvolvimentos institucionais que são característicos da era moderna.

Segundo Thompson, em função desses desenvolvimentos, as formas simbólicas foram produzidas e reproduzidas em uma escala sempre em expansão; tornaram-se mercadorias que podem ser compradas e vendidas no mercado; ficaram acessíveis aos indivíduos largamente dispersos no tempo e no espaço. “De uma forma profunda e irreversível, o desenvolvimento da mídia transformou a natureza da produção e do intercâmbio simbólicos no mundo moderno”. (2001, p.19). O autor defende que a apropriação das mensagens da mídia deve ser vista como um processo contínuo e socialmente diferenciado que depende do conteúdo das mensagens recebidas, da elaboração discursiva das mensagens entre os receptores e dos outros atributos sociais dos indivíduos que as recebem. Outro estudioso da mídia, Silverstone (2002) reforça o argumento de que é no dia-a-dia das pessoas e não na cobertura de grandes eventos e catástrofes que a força da mídia se mostra mais eficaz, contribuindo decisivamente para a formação do senso comum. Para o autor, a cidadania do século XXI requer um grau de conhecimento que até agora poucos de nós têm: requer do indivíduo que este saiba ler os produtos da mídia e que seja capaz de questionar suas estratégias.

É nesse sentido, por exemplo, que, ao falar da polêmica televisão versus criança, o pesquisador mexicano Guillermo Orozco (1997) diz que mais do que proibir, retalhar, ou pior, consentir pacificamente, cabe aos professores e à escola preparar-se para assumir o papel de mediadores críticos dos processos de recepção. Isso coloca um grande desafio a todos que estão envolvidos no processo educativo. No entanto, Orozco alerta que para ocorrer essa *transição de professor-repressor para professor-mediador*, é necessário quebrar alguns estereótipos ainda presentes no universo escolar no que se refere aos meios de comunicação. Um deles é a visão de que os meios de comunicação são inimigos que competem com o professor e são influências nocivas para o desenvolvimento dos alunos.

Orozco defende ainda uma idéia pouco difundida, debatida ou significada nos meios da Comunicação e na Educação, de que é na recepção que se dá o processo da comunicação e da aprendizagem. É por isso que a escola e os professores, juntos, têm um grande desafio em relação a mídia, a exemplo de alguns esforços surgidos nas últimas três décadas que buscavam intervir nos processos de recepção dos meios, com

nomes distintos: Recepção Crítica, Leitura Crítica dos Meios, Recepção Ativa, Educação para a Comunicação, entre outros. Esses esforços sempre compartilharam uma certeza: os professores na escola desempenham um papel fundamental na recepção que os estudantes fazem dos diversos conteúdos gerados nos meios de comunicação. Nesse sentido, parece-nos importante reforçar que, se a partir da escola, o aluno receber formação mais focada - como uma educação para lidar com a tecnocultura comunicacional que tem provocado a tensão entre a linguagem oral, escrita e visual; e se ele tiver mais oportunidades de expressão e desenvolvimento de suas habilidades comunicativas – seguramente será formado um receptor mais bem preparado e capaz de tomar decisões frente às mensagens midiáticas que lhe são oferecidas.

Portanto, é considerando a comunicação como fato da cultura que Orozco oferece um modelo de mediação múltipla, tomando como referência a audiência televisiva, na perspectiva de possibilitar aos investigadores uma operacionalização das distintas mediações ou fontes de mediação presentes no processo de recepção. A primeira delas - a *mediação cognoscitiva* – referente ao conjunto de idéias, repertórios, esquemas e roteiros mentais que influem em nossos processos de percepção, pensamento e apropriação das mensagens propostas pelos meios. A *institucional* que deriva das instituições sociais às quais a audiência está vinculada: a família, a escola, o trabalho, o bairro, o partido político, o sindicato, a igreja e, inclusive, os próprios meios de comunicação. As mediações institucionais servem de cenários onde transcorrem a recepção e nos quais se dão as múltiplas apropriações e (re) apropriações das mensagens recebidas, constituindo-se em “*comunidades de apropriação*”. E por fim, a do *entorno* que envolve desde as mediações que transcorrem do contato direto do receptor com o meio e suas mensagens, até as mediações culturais.

3 - A inter-relação Comunicação e Educação e a formação de professores

Um dos primeiros passos para se pensar em utilização da mídia na educação poderia ser dado a partir dos currículos dos cursos de formação de professores e de comunicadores. Não há dúvida de que cabe às instituições de ensino superior, em especial, principalmente em suas áreas de ensino, pesquisa e extensão, tomar conhecimento desse “campo em construção”, a que nomeio de “inter-relação comunicação e educação”. As bibliografias correntes - quer do campo da comunicação, quer da educação - vêm dando conta, ultimamente, do alto grau de interação entre esses

dois universos do saber. Predomina, contudo, nas políticas de ensino, uma verdadeira dicotomia que mantém isoladas, em universos estanques, o mundo da Comunicação e o mundo da Educação. Uma dicotomia que se manifesta introjetada principalmente nos processos de formação dos profissionais de uma ou outra área.

É importante lembrar ainda que o estudo da mídia na Educação não deve se restringir apenas ao uso do computador ou da internet, reduzindo a Comunicação e a Educação a uma visão meramente tecnológica, instrumental, baseada na crença de que, estando impregnadas de modernidade e eficiência, essas duas áreas do conhecimento constituem-se em verdade absoluta, inquestionável e definitiva. Ainda que seja inegável que os recursos computacionais possam facilitar a aprendizagem e, mais do que isso, possam criar uma outra lógica de apreensão e compreensão de conteúdos, rompendo com um modelo transmissional de informações para dar lugar a um modelo mais comunicacional e interativo, a investigação da inter-relação Comunicação e Educação deve buscar “dar conta de explicitar como o discurso midiático e as ferramentas tecnológicas são apropriadas no espaço educacional, sob o risco de ficarmos aprisionados a uma espécie de ‘metadiscorso’ da própria tecnologia” (TOSTA, 2000, p.108).

4 - Percepções e relacionamento com os meios de comunicação: ouvindo alunas do Curso de Pedagogia da Universidade.

A exemplo da maioria dos cursos de Pedagogia, o Curso da PUC-Minas não contempla o estudo da mídia. O que se constata é que, seguindo a tendência tecnológica, ou neotecnicista, o curso contempla duas disciplinas correlacionadas à questão das tecnologias digitais: *Informática Aplicada à Educação*, no 5º período; e *Novas Tecnologias e Educação* no 7º período. Nos dois casos, o estudo da mídia é ignorado, pelo menos, se avaliarmos as ementas apresentadas no projeto pedagógico do curso. Se em alguma matéria específica, os meios de comunicação de massa são estudados, isso não está claro no ementário disponibilizado no projeto pedagógico. A exceção fica para a disciplina “*Tópicos Especiais em Educação II*”, ministrada no 6º período que, embora não apresente uma ementa que explicita a dimensão midiática, é a única que, em parte do seu programa, discute a mídia.

Apesar de a Universidade apresentar “as competências e habilidades” desejadas de um egresso do curso de pedagogia”, em documento encaminhado ao CNE (1988), como “a capacidade de comunicar-se adequadamente através do domínio de

códigos e linguagens, da tecnologia e ciência, e cultura e sociedade; (...) habilidade de utilização dos meios de comunicação atribuindo significado a informações vindas da mídia”, o próprio curso não prevê essa formação ou, pelo menos, não sabe mensurar se ela, de fato, existe no currículo em prática.

Na pesquisa realizada dezoito alunas responderam ao questionário que buscou levantar as percepções e usos que elas fazem da mídia. O questionário constou de 64 questões, sendo 52 fechadas e 12 abertas, divididas em quatro blocos. 1) Identificação e sócio econômico, incluindo a posse de meios de comunicação; 2) Formação Escolar; 3) Exposição qualificada aos meios de comunicação e de como se mantêm informadas; 4) A relação com a mídia na formação e na prática docente Neste bloco, foram feitas quatro questões abertas com o intuito de identificar se essas alunas têm clareza sobre o que é a mídia, seus significados e possíveis usos na sala de aula.

Dada a escassez de espaço, neste artigo vamos nos limitar a analisar o último bloco do questionário que tratou da relação das alunas com a mídia no Curso de Pedagogia e em suas práticas docentes. A primeira questão buscou saber se o estudo da mídia é importante no Curso de Pedagogia. Todas as entrevistadas disseram que sim, seja em disciplina específica, seja em parte de conteúdo de disciplina ou por meio de recurso didático e estudos interdisciplinares. Com 15 ocorrências para o estudo da mídia em disciplina específica ou parte de alguma disciplina, pode-se concluir que, para esse grupo de alunas a ausência de discussões acerca da mídia é uma limitação do curso. Isso se confirma com a resposta de outra questão do bloco que procurou saber se os conteúdos que a mídia veicula em sua programação deveriam ser discutidos no Curso. Todas disseram que sim, pois no processo de ensino-aprendizagem, a mídia é muito importante para 9 alunas e importante para 8. Uma constante em praticamente todas as respostas é que a mídia faz parte da vida dos alunos, funciona como formadora de opinião e que a escola deve trabalhar os conteúdos com criticidade. Essas percepções podem ser os grandes motivadores para que as professoras façam uso da mídia no processo educativo, mesmo sem saber se o fazem corretamente. Doze das 18 entrevistadas informaram que faz uso da mídia, 6 que não fazem e uma não respondeu.

Nas respostas das entrevistadas, fica comprovado que não é claro para a maioria delas o que se entende por mídia. Há confusão entre “utilização dos conteúdos da mídia” na prática docente, com “utilização do vídeo na escola”, destacando-se para este último os documentários, filmes, programas da *TV Futura* sobre animais e outros exemplos citados nas respostas. Do mesmo modo, há confusão entre os recursos

disponíveis na escola. Quatorze entrevistadas disseram que há equipamentos na escola e quatro que não. Nos equipamentos citados, há ocorrência de “retroprojektor” e “revistas velhas”, como instrumentos que propiciam a utilização dos conteúdos da mídia.

Após essa etapa, foram selecionadas algumas alunas para participar da segunda fase da pesquisa que se constituiu em um grupo de discussão, quando foram contempladas as situações que envolvem a mídia e que já foram vivenciadas pelas entrevistadas, de modo particular, na prática docente. Foi possível avaliar também até que ponto as mediações (do entorno, cognoscitiva e institucional, incluindo a universidade onde estudam) defendidas por Creel e Orozco (1990), bem como a “cotidianidade familiar” e a “competência cultural” tratadas por Barbero (2001) alteram a percepção do conteúdo midiático, o que elas pensam sobre a mídia e como se posicionam diante da influência dos meios de comunicação, com destaque para a televisão já que é o veículo de maior audiência entre elas.

Quatro alunas participaram do grupo de discussão que teve a seguinte dinâmica: foram formuladas 7 questões abertas e, ao final, apresentada uma reportagem do Jornal Nacional de 67 segundos, veiculada dois dias antes (18 de novembro de 2004), para observação e comentários das participantes. As quatro participantes serão identificadas por pseudônimos que elas mesmas criaram.

PI, 26 anos, cursa o 6º período de Pedagogia, tem 2 aparelhos de TV em casa, conta com aparelho de vídeo ou DVD em casa, fazendo uso esporádico, mas não tem canal de assinatura. Cursou Magistério em Escola Pública e leciona na Educação Básica (1ª a 4ª) de uma escola pública. Já tem entre 5 e 10 anos de experiência em sala de aula. Para **PI**, o estudo da mídia é importante no curso de Pedagogia e deveria se dar como *disciplina específica, bem como em aulas, palestras e conferências*. Classifica a mídia como *muito importante* no processo de ensino-aprendizagem, *por estar presente no cotidiano de todas as pessoas e porque devemos refletir as informações da mídia com criticidade*. Diz que, na sua prática docente, utiliza os conteúdos da mídia, por meio de reportagens que julga interessantes e informou que na escola onde trabalha há equipamentos, rádio e TV, que permitem utilizar a mídia na prática docente.

SM, 23 anos, cursa o 5º período do curso, tem um aparelho de TV em casa, conta com vídeo ou DVD, fazendo uso quinzenalmente, mas não tem canal de assinatura. Cursou científico em Escola Pública e foi professora de Educação Infantil em uma escola particular. Para **SM**, o estudo da mídia é importante no curso de

Pedagogia e deveria se dar como *disciplina específica e em aulas*. Classifica a mídia como *muito importante* no processo de ensino-aprendizagem, *porque a mídia está presente no cotidiano dos alunos e traz muitas informações que despertam o interesse dos mesmos*. Diz que, na sua prática docente, não utilizava os conteúdos da mídia, porque *“a escola não possuía material”*.

Silva, 36 anos, cursa o 5º período, tem um aparelho de TV em casa, conta com aparelho de vídeo ou DVD, fazendo uso esporádico, e não tem canal por assinatura. Cursou Magistério em Escola Pública, leciona na Educação Básica (1ª a 4ª série) de uma escola pública e já tem entre 5 e 10 anos de experiência docente. Para **Silva**, o estudo da mídia é importante no curso de Pedagogia e deveria se dar como *parte de conteúdo de disciplina e nas aulas*. Classifica a mídia como *muito importante* no processo de ensino-aprendizagem, *porque o acesso à mídia é fácil e essa possibilita uma maior interação com a aprendizagem*. Diz que, na sua prática docente, não utiliza os conteúdos da mídia.

Rosaflor, 27 anos, cursa o 5º período, tem um aparelho de TV em casa, conta com vídeo ou DVD e respondeu fazer uso diário do DVD, já que é professora no Programa de Telecurso. Não tem canal por assinatura, cursou Magistério em Escola Pública e tem entre 5 a 10 anos de experiência em sala de aula. Trabalha atualmente com a Educação Infantil em uma escola particular. Para **Rosaflor**, o estudo da mídia é importante no curso de Pedagogia e deveria se dar como *atividades interdisciplinares e em debates*. Classifica a mídia como *importante* no processo de ensino-aprendizagem, *porque podemos nos utilizar dela para trabalhar os conteúdos e desenvolver nos educandos uma visão crítica, com relação ao que lhes é apresentado*. Diz que, na sua prática docente, não utiliza os conteúdos da mídia, sem justificar o porquê e que, na escola onde trabalha, não há equipamentos que propiciem o uso da mídia na sala de aula.

Também foi perguntado ao grupo o que era mídia, se essa influenciava as pessoas e se essa influência se dava em todos de modo uniforme. A resposta de P1 confirma o papel da Universidade como mediadora dos conteúdos da mídia e aponta para uma visão de comunicação que ora se baseia nos estudos frankfurtianos, ora nos estudos culturais que vêem a cultura como importante na recepção da mídia. *“A mídia não só informa, mas quer passar uma ideologia. Ela influencia dependendo da cultura, portanto não influencia sempre. Eu, por exemplo leio muito, devoro livros, quero sempre saber o que está nas entrelinhas”*.

Já a fala de **SM** é marcada por algumas contradições ou incoerências. Ela diz concordar com **P1**, mas reforça o tempo todo que a mídia “*induz demais as pessoas*”, que “*tem um poder muito grande*”. O que se pode perceber nas suas argumentações é que o receptor é um sujeito passivo diante das mensagens midiáticas, sobretudo quando defende que o consumismo é culpa da publicidade. Parece faltar, para **SM**, uma análise mais ampla dos diversos aspectos que tornam uma sociedade consumista, como o próprio sistema capitalista no qual estamos inseridos. **Silva e Rosaflor** não se mostraram seguras nas respostas e reforçaram questões já postas por **P1 e SM**. Contudo, o que fica evidenciado nas falas de **SM, Silva e Rosaflor** é a redução de “mídia” para “publicidade”, como se os gêneros variados existentes dentro de uma única mídia como a TV, e as outras mídias que compreendem os meios de comunicação (jornal e rádio) se restringissem às campanhas publicitárias. A influência da mídia, neste caso, é vista apenas por esse gênero que tem como característica a persuasão, o convencimento, a influência direta para o consumo de idéias, produtos e ou serviços. Falta, para as três alunas/professoras, um olhar da influência da mídia, por meio da dramaturgia, do entretenimento, do noticiário, dos mais variados programas.

Ao responderem sobre qual mídia influencia mais, todas foram unânimes em responder que é a TV. Nas respostas surgiram velhos jargões tais como a “*a TV é a babá eletrônica*” (**SM**); ou ainda o reconhecimento do papel que essa mídia ocupa na vida das pessoas: “*Quando almoço a TV tem que estar ligada. Não tenho como ir ao teatro ou cinema, então minha única diversão é TV.*” (**P1**); “*A TV é uma companhia. Eu não assisto muito por falta de tempo, quando faço é por falta de outra opção*” (**Silva**). A resposta de Silva marca um fator determinante nos estudos de recepção. Quando ela diz “*eu não assisto muito por falta de tempo*”, fica evidenciada a dificuldade de permanência diante da TV, em função dos filhos, o que diminui o tempo da mãe. **Silva** é daquelas telespectadoras com grande probabilidade de dispersão diante das imagens veiculadas pela TV. Isso não significa que **Silva** esteja imune às influências e seduções da TV, mas que seu cotidiano é um fator determinante de que não só os meios de comunicação ditam a realidade.

Quanto ao uso da mídia na Educação, as alunas/professoras também concordam sobre a importância e a urgência dessa discussão na formação dos professores e reconhecem que a grande parte deles está despreparada para fazer o uso da mídia em sala de aula. “*O curso de pedagogia está carente de uma disciplina que*

cuidasse da preparação do professor para utilizar a mídia na Educação” (P1); “Nós, professores, não sabemos trabalhar com mídia porque não temos esse hábito (...) não nos foi ensinado” (SM); “O uso da mídia pode ser positivo ou não, depende do uso que a professora faz” (Silva); “Algumas professoras de algumas escolas utilizam revistas, trazem coisa de fora, (...) mas não são todas as escolas. Algumas têm sala de informática, mas os alunos não têm acesso (...). Cada professor trabalha de um jeito (...) A maioria das escolas não tem corpo docente preparado para lidar com a mídia.” (Rosafior)

Ainda no grupo de discussão, foi questionado qual é a reação das alunas/professoras quando os alunos comentam assuntos da mídia em sala de aula ou nas interações dentro da escola. Segundo P1, os alunos sempre trazem os assuntos da mídia para a sala. *“Conheço o caso de um menino de sete anos, da 1ª série, que comentou tudo sobre o atentado aos Estados Unidos, no dia 11 de setembro. O menino dizia que o Biladen é o mau da história e que ele tinha de morrer porque o pai disse que o Bin Laden era ruim. O aluno pergunta esperando ouvir qual a percepção que o professor tem sobre aquele assunto.” (P1). “Os meninos questionam, discutem, comentam. Às vezes ficam amedrontados, como no atentado aos Estados Unidos. Eu ficava espantada com as notícias que os meninos do maternal traziam.” (SM); “Os alunos comentam. Levam muito. Meu filho de três anos comenta coisas que viu na novela. Às vezes espanto se não tenho visão ou capacidade de responder tudo. Vou até onde posso ir. Verifico o que ele quer e tento responder aquilo que sei. O que não sei, busco informações, mas não me sinto preparada”. (Silva).*

No caso citado por P1, sobre a criança que reproduziu o discurso do pai, é possível perceber, mais uma vez, a mediação familiar, embora, quando nos referimos às crianças, os estudos sobre mediações ainda são imprecisos, já que se trata de um período de conformação da personalidade da criança. Como reforçam Orozco, Gaitan e Cordelian (1996), dentro do ambiente familiar, a televisão ainda permanece como catalisadora da interação entre os membros da família. A tendência familiar, entretanto, para assistir mais à TV obrigará a criança a também fazê-lo, participando assim dessa atividade comum da família. Assim, na fala da criança, não está sendo reproduzido necessariamente o discurso da TV, mas o discurso do pai, embora este tenha reproduzido o discurso da mídia, neste exemplo específico. É possível perceber ainda que, por mais que os alunos sejam influenciados pelos conteúdos midiáticos, o professor ainda tem um papel preponderante de formador de opinião, ou de “líder de opinião”,

como definem os estudos da comunicação. Pelo menos é o que apontou as respostas das alunas pesquisadas.

Na parte final do grupo de discussão, foi apresentada uma matéria do Jornal Nacional, de 67 segundos, com o tema “*Emprego e Condições de Trabalho*”. Os critérios para escolha do tema foram a abrangência do assunto, facilidade de entendimento e, por tratar de tópicos como educação e formação, incluindo o depoimento de um professor. O objetivo foi perceber até que ponto as participantes do grupo se prenderiam às questões educativas ou expandiriam a análise, com base nas outras informações apresentadas. Após a apresentação e discussão pode-se chegar a algumas ponderações:

1) Mesmo se tratando de uma matéria que trazia dados mundiais da OIT, sobre emprego, qualidade nos postos de trabalho, globalização, privatizações, etc, a análise geral feita do noticiário se restringiu ao referencial que elas trazem: a Educação, lembrando que apenas nos segundos restantes da reportagem, foi tratada a questão da formação e da educação, propriamente dita. .

2) Despreparo e dificuldade para utilizar o conteúdo midiático na prática docente. Apenas **P1** buscou responder a questão de como ela usaria aquele conteúdo em sala de aula. O que as participantes do grupo já assumiram nas respostas ficou confirmado com a dinâmica, já que muito pouco foi apreendido do tema. Essa dificuldade não deixa de ser resultado da pouca leitura e das poucas referências no que diz respeito à busca de informação, já que a maioria se restringe à TV e a um único telejornal como fonte, no caso o Jornal Nacional da Rede Globo. **P1** conseguiu avançar bem mais, mostrando mais capacidade de síntese e análise, o que pode ser reflexo de uma formação diferenciada.

3) Não restam dúvidas de que conteúdos sobre mídia no Curso de Pedagogia poderiam melhorar o desempenho das alunas. Contudo, não se pode cair em um reducionismo que colocaria essas possibilidades como “salvadoras da pátria”. A questão é bem mais complexa porque envolve a formação dessas alunas em um contexto bem mais amplo do que a própria universidade. Há uma defasagem de conhecimentos de grande parte dos alunos que chegam a universidade, o que não é diferente no curso de Pedagogia da universidade.

4) Embora a maioria das respondentes ao questionário tenha informado ser o noticiário televisivo da Rede Globo, a principal fonte de informação, o dado que se pode extrair, pelo grupo de discussão, é que essa informação não consegue ser

repassada ou ressignificada enquanto método didático ou estratégia pedagógica de utilização dos meios de comunicação. A junção “mídia e educação”, para as alunas/professoras está muito presa aos equipamentos e recursos, quando, na verdade, o que se espera do professor é a capacidade de aprofundar em diálogos que já existem nas interações da sala de aula. Aí está a grande diferença: defender o uso da mídia na educação não é defender os equipamentos eletrônicos com suas muitas e variadas possibilidades. Muito pelo contrário, é reconhecer o papel do professor. Neste processo, ele tem um lugar fundamental, sobretudo se sua prática se basear nos princípios de autonomia e diálogo, como defendia Paulo Freire.

Nessa perspectiva, o professor Roger Silverstone (2002) tem razão quando defende a “alfabetização em mídia” como caminho de construção da cidadania. Afinal, só pode haver liberdade, se soubermos e conhecermos quem nos escraviza. Aproximamos, então, da idéia de que o discurso muito presente entre educadores e pais, de que a “mídia escraviza”, pode ser reflexo do pouco que dela se conhece.

5 - Considerações finais

O que ficou evidenciado, na pesquisa não foi a resistência ou o interesse, por parte das alunas quanto à mídia, mas sim, o despreparo. Para as professoras há o reconhecimento de que a mídia faz parte da vida dos alunos, funciona como auxílio didático, mas essas se mostraram despreparadas para a tarefa. Já no grupo de discussão, as participantes têm a consciência desse despreparo e mais do que isso, a consciência, de que a universidade falha por não prepará-las para lidar com a mídia. Para as 18 alunas pesquisadas, a mídia é importante no processo de ensino e aprendizagem porque faz parte do cotidiano, da vida das pessoas e o acesso é fácil; porque o estudo da mídia desperta o senso crítico; porque a mídia interfere, forma, desperta interesse e interage; porque o professor pode se apropriar do conteúdo em favor da aprendizagem e, finalmente, porque a mídia manipula, sendo que para essa última resposta, houve apenas uma ocorrência.

Essas justificativas somadas às análises feitas sobre o grupo de discussão (quando as alunas constatarem que a mídia influencia, mas não a todos igualmente), levam-nos a concluir que prevalece, entre as alunas pesquisadas, não a percepção de mídia como *manipulação*, capaz de gerar efeitos subversivos e maquiavélicos nos indivíduos indiscriminadamente. O que prevalece é uma concepção de mídia que se aproxima do modelo de *persuasão*, proposto por Lima (2001). O que muda de um

modelo para outro é que no primeiro, os efeitos da mídia eram ilimitados e, agora, passam a ser limitados, já que as mensagens da mídia poderiam sofrer a influência dos líderes de opinião e dos grupos de referência, como intermediários entre as mensagens dos meios e o público alvo. Contudo, os meios de comunicação seguem sendo os todopoderosos, capazes de *interferir, formar, despertar interesse, interagir*, como responderam as próprias alunas, e o receptor continua sendo *passivo* diante do poder da mídia.

A concepção de comunicação como cultura - aquela que baseia o processo comunicativo no compartilhamento, na troca, na interação e coloca o receptor como ativo e como construtor de mediações culturais – não é percebida na maioria das respostas, já que a ênfase é dada ao pólo transmissor e não ao pólo receptor e às mediações presentes no processo comunicativo. O que podemos concluir é que as alunas pesquisadas não vêem a mídia, nem como inimiga, nem como aliada. Tampouco vêem como um meio termo entre estes dois antônimos. Parece-nos que a percepção geral do grupo é a de que a mídia é importante porque simplesmente é poderosa, faz parte da vida das pessoas e que, de modo quase naturalizado, todos têm acesso, o que poderia representar uma espécie de ameaça à Educação. Por isso, faz-se necessário utilizá-la, de modo a despertar o senso crítico do aluno. Entretanto, é justamente aí que chegamos ao ponto chave deste trabalho, que poderia ser resumido, na seguinte frase: “a mídia é importante na nossa formação, na formação de nossos alunos, mas não estamos preparados para utilizá-la”

Essa síntese fica evidenciada nas repostas ao questionário, nas falas do grupo de discussão, na reduzida fonte de informação por parte das entrevistadas, na confusão que se faz entre “utilização da mídia” e “utilização do vídeo” na Educação, da dificuldade de se diferenciar “mídia de massa” de “tecnologias digitais”, na dinâmica de exibição do telejornal, no currículo do curso de Pedagogia da universidade, finalmente. Embora essa pesquisa se trate de um estudo de caso que não permite generalizações, cabe perguntar: não seria esse um quadro muito próximo da grande maioria das faculdades que formam professores no Brasil?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBERO, Jesus Martin. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001

BERGER, Christa. *A pesquisa em comunicação na América Latina*. In: FRANÇA, Vera Veiga; HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

CORDELIAN, W.; GAITAN, Juan Antonio; OROZCO, Guillermo Gómez. *A Televisão e as crianças*. In.: **Comunicação & Educação**. São Paulo: ECA/USP/Segmento, n. 7, set/dez, 1996.

CREEL, Mercedes Charles; OROZCO, Guillermo Gomez. **Educación para la recepción: hacia una lectura crítica de los medios**. México: Trillas, 1990.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

LIMA, Venício A. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

OROZCO, Guillermo Gomez. *Professores e meios de comunicação: desafios e estereótipos*. In.: **Comunicação & Educação**. n. 10. São Paulo: ECA/USP/Salesiana, set./dez, 1997.

SOUSA, Mauro Wilton. *O lugar social da comunicação mediática*. In: SOARES, Ismar. **Cadernos de educomunicação: caminhos da Educomunicação**. 2.ed. São Paulo: NCE/ECA/USP/Salesiana, 2003.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade - uma teoria social da mídia**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

TOSTA, Sandra de Fátima Pereira. *O computador não é uma lousa: as tecnologias de comunicação e informação e a prática docente*. In: **Educação brasileira. Revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras**. Vol. 22, n. 45, jul/dez, 2000.